

## **ABUSO SEXUAL INFANTIL ATRAVÉS DE GERAÇÕES: REVISTANDO O CONCEITO DE TRANSMISSÃO PSÍQUICA NO CONTEXTO DE VIOLÊNCIA INFANTIL PELA CRÍTICA FEMINISTA**

**Child sexual abuse across generations: searching the concept of  
psychic transmission in the context of child violence by feminist  
criticism**

**Debora Rickli Fiuza** 

Mestre em Desenvolvimento Comunitário  
pela Universidade Estadual do Centro Oeste,  
Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário,  
Guarapuava, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-4516-8937> 

A lista completa com informações da autora está no final da resenha ●



LIMA, Patrícia dos Santos Lages Prata. **Abuso sexual infantil através de gerações: herança mal dita**. Curitiba: Juruá, 2020.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infância. Violência Sexual, Interdisciplinaridade.

**KEYWORDS:** Childhood. Research. Sexual Violence. Interdisciplinarity.

O livro chamado “Abuso sexual infantil através de gerações” (2020) apresenta-se como uma obra corajosa dentro do círculo acadêmico que, inegavelmente, desperta a curiosidade de estudiosos deste fenômeno complexo, sobretudo, por encarar um tema de difícil acesso que é o abuso sexual na infância por uma perspectiva teórica exclusivamente psicológica.

O livro é fruto de uma pesquisa de mestrado defendida pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), lançado em 2020 pela editora Juruá Psicologia. A partir da prática clínica com famílias envolvidas no contexto de abuso sexual e o interesse pela pesquisa clínica, a obra discorre sobre conceitos fundamentais à luz da psicanálise de Freud e no diálogo com outros autores, como uma tentativa de compreensão da violência sexual a partir do conceito psicanalítico de transmissão psíquica. Em síntese, há um entendimento de que a existência da violência sexual em determinados grupos familiares está inscrita por um emaranhado de conteúdos inconscientes – os ditos, não ditos e mal ditos da cena de abuso sexual – que não encontrando um caminho possível de simbolização, se reatualizam em diferentes gerações, como um destino inevitável dentro do grupo familiar. É com uma perspectiva crítica sobre “a violência sexual que não escapa ao sujeito” e pelo olhar feminista que esta resenha se coloca como fonte notável de reflexão.

A obra se divide em 09 capítulos, entrelaçados pela teoria psicanalítica que exige do leitor o retorno aos textos originários de Freud. Uma leitura teórica, requerendo pausas no seu percurso e o mínimo de apreço pela perspectiva psicanalítica. No primeiro capítulo há uma pergunta: por que mulheres de diferentes gerações, pertencentes a uma mesma família, aparecem enlaçadas a histórias de abuso sexual? Nesse primeiro momento, o conceito freudiano de herança e repetição é dialogado com referências importantes da transmissão psíquica geracional como Rene Kaës, Nicolas Abraham, Maria Torok, Inglez-Mazzarella. No segundo capítulo apresenta-se o método de pesquisa clínica pelo viés da psicanálise como o caminho de investigação. No capítulo terceiro narra-se a história de Helena e Kelly, mãe e filha adolescente de 13 anos, ambas envolvidas pelo enredo da violência sexual e protagonistas do estudo de caso. Ainda nesse capítulo, é exposto informações referentes às sessões, registros em prontuários e discussão de caso com a equipe, sobretudo, partindo da análise do pedido de Helena – a mãe – a qual chegou ao serviço após solicitação de ajuda por órgãos de proteção (Conselho Tutelar, Delegacia Especializada, Instituto Médico Legal), denunciando a violência sexual sofrida pela filha.

No quarto capítulo é discutido, de maneira mais demorada, alguns conceitos basilares da pesquisa da autora, discorrendo sobre os temas violência, incesto e de

transmissão psíquica pelo texto clássico freudiano Totem e Tabu (1912), partindo do interesse de Freud em comprovar o horror ao incesto por povos primitivos, concluindo por meio de suas especulações que “quanto maior a proibição, maior o desejo, já que na ausência deste não há motivo para a lei interditora” (LIMA, 2020, p. 46). Ao estudar o sistema totêmico, Freud se aproxima do que ele mesmo entende por uma mente coletiva, como se uma geração carregasse a mente da sua ancestralidade.

O capítulo quinto, revisitando outros autores psicanalíticos, contemporâneos de Freud, concebe a lógica do trauma e da violência como condições constituintes do sujeito, reiterando que o trauma é inerente a condição humana, contudo, este evento não deve ocorrer pela via da violência. Para compreender os caminhos que levam ao abuso sexual, sobretudo o incestuoso, é problematizado as relações de amor e de trocas libidinais<sup>1</sup> entre os bebês e seus cuidadores, cenário necessário para a identificação e constituição do sujeito, onde a criança coloca o seu corpo à disposição das carícias maternas. Com isso, a autora impõe alguns questionamentos: o que marcaria a passagem do uso do corpo infantil pela via das carícias para um ato abusivo? É no limite entre o normal e o patológico que a violência incide, inclusive, pela discussão do termo “consentimento da criança” para o abuso sexual, como sujeito ativo nas relações de afeto e nas relações de violência sexual. Sobre isso é merecido um olhar cuidadoso e problematizador, visto que a violência infantil está inserida em um contexto marcado pela cultura adultocêntrica e machista, onde crianças estão à mercê de condições de risco e vulnerabilidade, e seus corpos considerados propriedade irrestrita de adultos que, deveriam protegê-las e garantir uma existência segura, mas que, muitas vezes, são os perpetradores dos diferentes tipos de violência. Coutinho (2017) cita a autora Fulvia Rosemberg<sup>1</sup> lembrando que esta foi a primeira pesquisadora a utilizar o termo “adultocentrismo” no Brasil, questionando a centralidade dos adultos frente às crianças. A partir dos apontamentos de Santiago e Faria (2015, p. 73) pela perspectiva adultocêntrica “as crianças são percebidas como inferiores em relação ao grupo dominante composto por pessoas adultas: o adultocentrismo é um dos preconceitos mais naturalizados pela sociedade contemporânea” (2015, p.73).

No capítulo sexto, a autora retoma os escritos de Freud e é pelos textos Totem e Tabu (1912-13) e Sobre o Narcisismo: uma introdução (1914), que o pai da psicanálise traça suas primeiras distinções entre a transmissão da vida psíquica pela via da identificação dos modelos parentais e a transmissão genérica que é marcada por traços

---

<sup>1</sup> A autora é referência internacional, utilizando o conceito “adultocentrismo” na década de 70 no Brasil.

advindos de outras gerações. No sétimo capítulo é discutido o enredo familiar, nas histórias de abuso sexual sofrido por Helena, sua filha adolescente Kelly e repetidas vivências de violência por outras mulheres (tias, mãe, primas), de diferentes gerações, pertencentes ao mesmo grupo familiar.

No oitavo capítulo é retratado a relação entre mãe-filha, tomando como ponto central o conceito de Complexo de Édipo por Freud e pela releitura lacaniana deste evento, analisando os conteúdos inconscientes, o histórico familiar e as dinâmicas psíquicas entre mãe e filha (concluído pela incestualidade presente nestas relações), que parece, segundo a pesquisadora, ser o ponto crucial para a compreensão do caso clínico.

O nono e último capítulo, sem a intenção de um enquadre que se esgote, seguindo as especulações teóricas sobre o incesto, a autora pressupõe que o abuso sexual sofrido pela filha adolescente Kelly, ocupava a função de um reencontro afetivo com sua mãe, revivendo as relações primordiais entre mãe-bebê. O que chama a atenção no enredo familiar, onde mulheres de diferentes gerações se apresentam fiéis a apropriarem-se do fantasma – a violência sexual reatualizada em várias gerações – é o fato de uma mulher, a mãe da adolescente, Helena, à sua maneira, atuar diferentemente do repetido na família (postura passiva diante do abuso sexual) e se posicionar contrária ao abuso da filha e aos abusos sofridos em sua própria história, como um movimento que resistiu à repetição da violência.

Embora a obra represente uma voz bastante refinada para o debate da violência infantil, a autora não foi pretensiosa em esgotar o assunto, pelo contrário, na tentativa de ampliar as lentes para um tema que é tão complexo, considerou as dinâmicas inconscientes envolvidas no contexto de abuso sexual. Ainda assim, ao longo da leitura é inegável o desconforto frente ao aparente determinismo apresentado pela teoria psicanalítica, sobretudo, ao considerar o abuso sexual como um destino inevitável para determinados sujeitos. Considerar a transmissão psíquica como principal operador na problemática da violência sexual nos pareceu frágil, porque grande parte das crianças e adolescentes envolvidas na condição de abuso sexual, bem como suas famílias, estão inseridas em contextos socioculturais que impõe um lugar de risco e vulnerabilidade à violência. Diante disso, caberia uma articulação mais potente do fenômeno da violência sexual infantil se articulado com a discussão produzida pela antropóloga Lélia González, referência na militância e na construção intelectual de um feminismo vinculado com demandas ampliadas, foi importante para a consolidação dos movimentos sociais de mulheres negras no Brasil.

Além disso, as estatísticas mostram que crianças de classes subalternizadas e atravessadas pelo marcador de raça são as mais afetadas pela violência infantil. Mais do que uma herança psíquica, a violência sexual infantil é também resultado de uma cultura machista que considera os corpos femininos – mesmo os corpos infantis – como propriedade e uso sexual. Além do mais, uma cultura adultocêntrica que silencia as crianças vitimizadas, dificultando as denúncias e pedidos de ajuda. Exige-se, contudo, uma discussão mais contextualizada, superando a naturalização e individualização da prática da violência infantil, como algo já esperado e, até mesmo, um fenômeno “aceitável” na nossa sociedade. Discursos que amortecem a existência da violência e que reduzem a vítima a um objeto de passividade e fatalidade são ampliados, quando incluído os fatores socioculturais.

## REFERÊNCIAS

LIMA, Patrícia dos Santos Lages Prata. **Abuso sexual infantil através de gerações: herança mal dita**. Curitiba: Juruá, 2020.

COUTINHO, Angela Scalabrin. **Os novos estudos sociais da infância e a pesquisa com crianças bem pequenas**. Revista Educativa, volume 9, 2017, disponível em <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/5426/0>

FREUD, S. (1913). **Totem e Tabu**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-125.

FREUD, S. (1914b). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 83-119.

GONZALEZ, Lélia Gonzalez. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

GONZALEZ, Lélia Gonzalez. **A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social**. *Raça e Classe*, Brasília, ano 2, n. 5, p. 2, nov./dez. 1988d.

SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia Goulart. **Para além do adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso**. Revista Educação e Fronteiras, Dourados, v. 5, n. 13, p. 72-85, jan./abr. 2015

# NOTAS

## Debora Rickli Fiuza

Mestre em Desenvolvimento Comunitário pela Universidade Estadual do Centro Oeste, Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, Guarapuava, Brasil

[debora\\_rickli@yahoo.com.br](mailto:debora_rickli@yahoo.com.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-4516-8937>

## Endereço de correspondência do principal autor

Rua Almirante Didio Costa, 1719, 85070-230, Guarapuava, PR, Brasil.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Luciana Klanovicz pelo incentivo e ao meu filho João Lucas pela existência.

## CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** D. R. FIUZA.

**Coleta de dados:** D. R. FIUZA.

**Análise de dados:** D. R. FIUZA.

**Discussão dos resultados:** D. R. FIUZA.

**Revisão e aprovação:** D. R. FIUZA.

## FINANCIAMENTO

Não se aplica.

## CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

## APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

## CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

## LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

## PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## EDITORES

Javier Ignacio Vernal e Silmara Cimbalista

## HISTÓRICO

Recebido em: 10-03-2021 – Aprovado em: 22-07-2021 – Publicado em: 19-08-2021